

## Alteridade em Peirce e negatividade em Han

Guilherme Henrique de Oliveira Cestari<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto tem o objetivo de descrever e contrapor a visão de Charles Sanders Peirce e a de Byung-Chul Han sobre a alteridade (como aspecto, respectivamente, da segundidade e da negatividade) na constituição do pensamento, da conduta e, por conseguinte, dos modos de vida de comunidades de seres humanos. Para Peirce, o contínuo contato com o outro se mostra imprescindível para a constituição e evolução insistentes do pensamento autocrítico gerado pela comunidade científica. Para Han, a negatividade, escassa num mundo excessivamente transparente e positivo, é esfera de natureza misteriosa, oculta, desconhecida, obnubilada e obliterada, essencial para que hábitos sociais e modos de vida comunitários não se tornem demasiadamente homogêneos, capitalizados, pornográficos e obscenos. Apesar das diferenças estruturais e temáticas, ambos convergem no sentido de valorizar experiência e aprendizado com a alteridade para a composição de modos de investigação e de vida menos egocêntricos e dogmáticos.

**Palavras-chave:** Alteridade. Negatividade. Positividade. Segundidade. Experiência.

## Alterity in Peirce and negativity in Han

**Abstract:** The paper aims at describing and comparing Charles Sanders Peirce's and Byung-Chul Han's conceptions of alterity as phenomena of Secondness and negativity, respectively. According to Peirce, permanent contact with the Other is indispensable for the constitution and the evolution of self-critical thought in a scientific community. For Han, negativity, scarce in an excessively transparent and positive world, has a mysterious, occult, unknown, and obliterating nature. Negativity is essential in order to avoid that social habit and communitarian ways of life should turn homogeneous, capitalized, pornographic and obscene. Despite structural and topical differences, Peirce's "Fixation of belief" and Han's writings converge in associating experience and learning with alterity. Both authors emphasize the importance of alterity in the creation of less dogmatic methods of investigation and less egocentric ways of life.

**Keywords:** Alterity. Negativity. Positivity. Secondness. Experience.

---

<sup>1</sup> Doutorando da Pós-Graduação de Tecnologias da Inteligência e Design Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: [gui\\_cestari@hotmail.com](mailto:gui_cestari@hotmail.com).

## Introdução

Este texto descreve e compara a visão de alteridade em Charles Sanders Peirce (estadunidense, 1839-1914), especialmente no texto de 1877 “A fixação da crença”, e o conceito de negatividade desenvolvido por Byung-Chul Han (sul coreano radicado na Alemanha, 1959-) em obras de 2013 e 2014 e em entrevista de 2015. Nessas obras, Han não se refere, mesmo indiretamente, a Peirce. Concebendo diagnósticos críticos sobre as relações psicopolíticas no século XXI, Han dialoga com, para citar somente algumas passagens: Platão (2013, p. 73-75), Kant (2013, p. 37, 46), Hegel (2013, p. 18, 60; 2014, p. 33), Nietzsche (2013, p. 16, 41), Freud (2013, p. 15, 64), Kafka (2013, p. 56; 2014, p. 34-35), Benjamin (2013, p. 25, 45; 2014, p. 36, 45), Barthes (2013, p. 28, 52-57; 2014, p. 7, 9, 21, 38-39; 2015), Heidegger (2013, p. 77-79; 2014, p. 15-16, 25-35), Baudrillard (2013, p. 14, 29, 53, 87), Agamben (2013, p. 37, 47-48, 52) e Žižek (2013, p. 39), não raro explorando e então subvertendo conceitos filosóficos e, além disso, termos e ideias originários da literatura. As diferenças históricas e estruturais nos propósitos e nas abordagens das teorias de Peirce e de Han não servem de pretexto para deixar de promover encontros entre ambos. O aspecto comum para o diálogo neste artigo é o da importância da alteridade (que permeia experiência e segundidade em Peirce, e ajuda a compor significado e ação da negatividade em Han) para a constituição de modos de investigação e de vida menos autocentrados e dogmáticos.

O quadro resumo, a seguir, sintetiza e descreve a questão geradora deste artigo, correlacionando-a diagramaticamente aos pressupostos, objetivos e tópicos do texto, bem como às principais referências utilizadas na discussão de cada tema.

### Quadro 1 – quadro resumo

Questão da pesquisa	Pressupostos	Objetivo geral	Objetivos específicos e referências
<p>De que modo as estruturas dos pensamentos de Charles Sanders Peirce e de Byung-Chul Han podem ser diferenciadas e relacionadas, especificamente no que diz respeito à relevância da alteridade (aspecto da negatividade) na constituição de crenças e modos de vida menos autocentrados e tenazes?</p>	<p>A teoria desenvolvida por Han tem estrutura diádica e polarizada, enquanto a teoria peirciana sustenta-se em base fenomenológica triádica.</p>	<p>Descrever e contrapor visões de Charles Sanders Peirce e de Byung-Chul Han sobre a alteridade (como aspecto da negatividade) na constituição do pensamento e da conduta em comunidades de seres humanos.</p>	<p>Descrever a visão peirciana sobre modos dogmáticos e científico de fixação das crenças. (PEIRCE, 2008 [1877]).</p>
	<p>A teoria e os diagnósticos de Han têm foco nas comunidades humanas e suas relações psicopolíticas com mídias e tecnologias, enquanto a teoria peirciana, de enfoque lógico e pragmaticista, pretende-se mais abrangente ao entender que o pensamento não está centrado no homem, mas acontece em todo o cosmos.</p>		<p>Descrever a crítica à Ciência Positiva, bem como alguns dos diagnósticos de Han sobre mídias e tecnologias nas relações sociais, culturais, políticas e afetivas na pós-modernidade, sublinhando a presença da dualidade positividade-negatividade. (HAN, 2013).</p>
	<p>Apesar da generalidade da teoria madura de Peirce, o texto "A fixação da crença", original de 1877, preocupa-se especificamente com a constituição do conhecimento em comunidades humanas.</p>		<p>Contrapor as ideias de alteridade em Peirce (em que predomina segundidade) e negatividade em Han.</p>
	<p>Apesar das diferenças estruturais e temáticas, os dois filósofos convergem no sentido de valorizar experiência e aprendizado com a alteridade para a composição de modos de investigação e de vida menos egocêntricos e dogmáticos.</p>		<p>Em síntese, explicitar algumas proximidades entre os conceitos de alteridade e negatividade.</p>

## Experiência e fixação da crença

Para Peirce, a experiência constitui-se nos acontecimentos históricos que, em maior ou menor grau e de modo irresistível, afetam cognitivamente e emocionalmente as crenças e condutas mentais através do curso da vida (CP1.426, c. 1896). Para as ciências positivas, experiência é aquilo que meios especiais e diretos de observação são capazes de revelar; a Filosofia, ciência que organiza observações eminentemente abertas e disponíveis a todo o ser humano a qualquer momento, toma experiência em senso mais abrangente, como resultado cognitivo do viver (CP7.538, 1899). A experiência resulta das ideias que se forçam violenta e insistentemente sobre a história de nossas vidas (CP4.318, 1902). A ação da experiência acontece por séries de surpresas que se impõem independentemente do que se pensa sobre elas; nada pode ser aprendido a partir de um experimento que ocorre exatamente conforme antecipado: é por meio do inesperado que a experiência ensina mentes dispostas a incorporar hábitos (CP5.51, 1903). A ruptura de uma crença só pode acontecer devido ao contato com uma nova experiência externa ou interna; uma experiência que pudesse ser invocada ao bel prazer, de acordo simplesmente com os desejos de alguém, não poderia ser nomeada experiência (CP5.524, c. 1905). O evento novo, momento brusco de distinção e descontinuidade, impele à ação, propulsa mentes no fluxo da significação. A ideia de segundidade relaciona-se com a experiência singular de esforço, que por si só prescindida da ideia de propósito; um esforço executado por uma mente supõe alguma resistência bruta por parte de um não-ego, algo externo e alheio às vontades do ego (CP8.330, 1904).

Em “A fixação da crença”, Peirce (2008 [1877]) discorre sobre as naturezas do raciocínio científico e o quão uma mente pode, em suas condutas e hábitos, se mostrar influenciável pelas experiências; em outras palavras, o texto descreve perfis de comportamento e personalidade relacionados principalmente a aprendizado e mudança de opinião, conduta e hábito, a saber, as crenças podem ser fixadas cientificamente, tenazmente, autoritariamente ou via agradabilidade das ideias.

A mente científica procura lidar com fatos para resolver problemas práticos; orientado por uma hipótese teórica, por uma dúvida sincera, um experimento científico

precisa ser conduzido de olhos abertos, pela manipulação de coisas reais em vez de somente palavras. O ser humano é por natureza dotado de um instinto para a racionalidade; se o objetivo do raciocínio é descobrir coisas que não se sabe a partir do conhecido, “Aquilo que nos determina a retirar uma inferência ao invés de outra, a partir de premissas dadas, é algum hábito [de cunho lógico] da mente, quer seja constitutivo ou adquirido.” (ibid., p. 37).

Mentes não podem simplesmente decidir duvidar ou crer em algo de modo sincero; o surgimento de uma dúvida é espontâneo e acontece no contato com novidades. O estado de dúvida é incômodo e mobiliza a mente em direção a um estado suficientemente confortável e satisfatório de crença. A dúvida aparece numa ação semiótica entre mente e fenômeno. Crenças são a ação falível e aperfeiçoável dos hábitos. “A crença não nos faz agir de imediato, mas nos coloca em condição para nos comportarmos de certa maneira quando surgir a ocasião. Já a dúvida de maneira nenhuma tem um efeito desse tipo, mas nos estimula a agir até que o estado de dúvida seja destruído.” (ibid., p. 44). Da dúvida à crença, à outra dúvida, o percurso de uma mente científica através dos caminhos da descoberta é impulsionado pelo contato fresco e bruto com a experiência. O incômodo da dúvida suscita uma investigação direcionada aos outros, ao mundo; investigações são trabalhosas porque envolvem a possibilidade de erro.

Personalidades individuais ou coletivas que se agarram cegamente às crenças já estabelecidas, ignorando ou desqualificando sem devida fundamentação qualquer evidência contrária, são tenazes. Elas se recusam insistentemente a entrar em contato com experiências que possam falsear suas convicções. Como um avestruz que esconde a cabeça num buraco diante de um perigo, o tenaz evita e contorna a ameaça de ter suas crenças contraditas. Em geral, o tenaz se mostra emocionalmente apegado às suas próprias verdades; conservador, está confortável com a ausência de descontinuidade que fundamenta seus hábitos; suas condutas estão embasadas numa homogeneidade que afirma sua própria vontade e foge do confronto com os outros, isolando-se. Conversas entre tenazes, concordem eles ou não, soam autorreferentes e repetitivas porque há pouca flexibilidade na partilha de ideias (ibid., p. 47-49).

Considere-se a criação de uma hierarquia institucional destinada a ensinar e reafirmar certas doutrinas, que tenha força para a repressão de qualquer novidade questionadora. A descontinuidade é contravenção violentamente reprimida. As crenças reforçadas pelo sistema são, para seus seguidores, unívocas e universais. A eficiência do sistema está em produzir, via totalitarismo, uma homogeneidade em aspectos do pensamento de uma comunidade; a verdade aceita pela comunidade é fabricada pela autoridade; a verdade se altera conforme a vontade dos autoritários. Mas nenhum controle social pode exercer-se sob todos os aspectos do pensamento; podem haver brechas, imperfeições, insatisfações sinceras que levem a outros modos de investigar e viver e, portanto, a prováveis conflitos (ibid., p. 49-51).

Pode ser ainda que alguns indivíduos cheguem num determinado acordo sobre a verdade das coisas, estabelecendo crenças porque elas lhes são aparentemente convenientes e apropriadas. Essas crenças são válidas somente porque parecem belas e elegantes à razão; são aceitas *a priori*, com pouco ou nenhum contato com a alteridade, porque são oportunas e favoráveis aos gostos daqueles que as escolheram. Apesar de agradáveis à razão, essas teorias estão mais calcadas nos desejos, opiniões e modas dos humanos que nos fatos e no funcionamento do mundo (ibid., p. 51-53).

A postura científica é a única disposta a se relacionar promiscua e insistentemente com a experiência, reconhecendo-se falível, revisitando-se e esforçando-se para problematizar fatos e aperfeiçoar hábitos. As outras três, quando tomadas por si sós, encontram maneiras para esconder, condenar, dissimular ou mitigar este contato, mantendo assim uma eficiência autocentrada, mas não autocrítica. Para Colapietro (2009, p. 357, tradução nossa), no funcionamento prático, os modos de fixação da crença tendem a se misturar:

Assim como os quatro meios de fixação das crenças (ou seja, os quatro meios de conduzir uma investigação) podem ser vistos não como empreendimentos separados, mas como qualidades integrais de um único processo, então os três graus de clareza [das ideias, ou níveis de entendimento, referência ao texto "How to make our ideas clear" (CP5.388-410, 1878)] podem ser vistos como fases distintas num esforço cumulativo. Como meios de fixação da crença, tomados por si sós, tenacidade, autoridade, e *a priori* estão fadadas ao fracasso. Como qualidades de um processo inclusivo, eles são parte integrante do sucesso da investigação. Ou seja, tenacidade, autoridade, e *a priori* tem, cada um, seu lugar de direito na investigação experimental.

Além do raciocínio científico, autoridade, tenacidade e crenças *a priori* vigoram e se desenvolvem de modo híbrido não somente na semiose levada a cabo pela comunidade científica, mas também no fluxo dos signos da comunicação jornalística, publicitária, no lazer e entretenimento, nos ambientes de educação e trabalho, na espiritualidade e religiosidade, nas redes sociais digitais, nas relações afetivas, na política e na economia, em suma, na maioria das dimensões e experiências sociais e psicológicas da vida humana contemporânea.

## **Polaridades em Han**

Para Han, a sociedade globalizada vivencia e incentiva excessos de positividade e transparência, sofrendo com a falta de negatividade, mistério, heterogeneidade e opacidade em seus hábitos. Um mundo transparente está entregue à imediatividade, às dinâmicas impessoais e quantificadoras do cálculo e do controle; as coisas, em transparência, esvaziam-se de conotação e poesia, perdem singularidade para se tornarem facilmente palatáveis e consumíveis. Não há busca pelos desafios de sentir e compreender em profundidade, mas pela praticidade em aceitar e incorporar mais do mesmo. Convém que emoção e esmero intensos, únicos, sejam substituídos por vivências rápidas, acessíveis, padronizadas e indolores. O amor se converte, simplificado, verificável, domesticado e custeável, numa sucessão de momentos rasos meramente agradáveis, carentes de espírito e espiritualidade (HAN, 2013, p. 18-19). Os jogos de sedução como negatividade constituem-se nos erros, imprecisão, mistérios e ambiguidades, são situações que levam a improvisar, esperar e fantasiar. A sedução envolve o prazer erótico e equívoco de desvelar, especular e se dedicar aos mistérios do outro. A transparência, ao trabalhar com ideias claras demais, almeja o desfrute pornográfico imediato, preferencialmente livre de frustrações (ibid., p. 35-36, 49-52). Para além da dimensão do afeto entre humanos, as relações com mídias, imagens e tecnologias, quando demasiadamente clarificadas, também se tornam pornográficas, espetacularizadas.

A sociedade da transparência, que trabalha para neutralizar a negatividade do outro e do estranho, se pretende homogênea, mas não necessariamente democrática e

igualitária. A transparência é um imperativo expansivo e totalizante. No modo de pensar e viver do capitalismo do século XXI vigora uma tendência à operacionalização das relações humanas; valoriza-se estimulação hiperbólica e fútil do corpo como produto a ser cada vez mais vigiado, propagandeado, exibido, precificado, exaurido e descartado num intenso ciclo de produção de desejos tão homogêneos quanto possível. Dentre eles, o desejo – compulsão e vício eminente, violento, constante e crescente – de elevar a produtividade. Numa liberdade ilusória, aspiramos promessas da sociedade do desempenho, as últimas recompensas deste modo de vida são culpa, cansaço, hiperatividade e depressão; vivemos numa sociedade obesa de informação que, ávida por uma corrente uniforme e permanente de conforto e felicidade, competitiva e infantilmente se recusa a preservar segredos e lidar com decepções. Entretanto, grande quantidade de informação não significa maior sensatez num julgamento; pelo contrário, torna uma personalidade insensível a presenças do diferente. O excesso de positividade é como um vírus no coração e na mentalidade da sociedade, seus paradeiros são ubíquos e capilares.

Se habitar é permanecer em estado de satisfação, já não se pode habitar o corpo, que é lugar ocupado pela tirania da visibilidade em função da beleza física, como uma vitrine. Pelo excesso de positividade, na falta de reflexão estética e perseguindo padrões de autoafirmação, auto exposição e de vigilância mútua, alienamo-nos de nosso próprio rosto e expressividade. Deixamo-nos iluminar, devorar e atravessar por imagens positivas, renunciando às situações contemplativas. O corpo age de modo narcísico, obscuro e prostituído (ibid., p. 30-32, 68). O modo como se lida com distâncias também é afetado pela positividade. Para que haja “próximo” deve haver o “longe” da negatividade; na sociedade positiva, o que subsiste é meramente “falta de distância”. Enquanto “proximidade” é rica em afeto e espacialidade, “falta de distância”, em sua transparência, não leva inscrito um afastamento. A mentalidade positiva desaloja corpos e relações entre pessoas (ibid., p. 33).

A transparência “desautonomiza”, faz-nos reprodutíveis e quantificáveis, no entanto, nunca se pode eliminar por completo os conflitos com a alteridade. A descoberta do inconsciente, por exemplo, mostra a impossibilidade de total transparência do humano para si mesmo e para o outro; o inconsciente são outros que



habitam em nós (ibid., p. 15). Qualquer relação precisa de algo resistente e privado para se manter afetiva e atrativa. O tempo lento da negociação com a alteridade não é funcional a um capitalismo cada vez mais veloz, que exige o desvelamento do privado e o encurtamento das distâncias em prol do monetizável. “Em contraposição ao cálculo, o pensamento não é transparente para si mesmo. O pensamento não segue rotas previsíveis, mas se entrega ao aberto.” (ibid., p. 60, tradução nossa). O desconhecido possui alta capacidade heurística e baixo apelo comercial; há inventividade nos momentos de dúvida, dor, insatisfação, infelicidade, tensão e pesar.

A teoria se mostra força prática e geradora de negatividade porque é matriz seletiva que separa violentamente, de modo incisivo e enfático, o que a ela pertence ou não. Compressão precisa também de mistério, não somente de clareza. A teoria como negatividade ilumina aspectos da realidade, inevitavelmente deixando outros aspectos à sombra, trazendo alguma compreensão sobre os fatos. Na constituição de conhecimento, a teoria, como narrativa segregadora, está na base das ciências que manipulam dados:

É um erro supor que a massa *positiva* de dados e informação, que hoje cresce monstruosamente, torna a teoria supérflua, que a alienação dos dados suplanta os modelos. A teoria da negatividade está estabelecida *antes* dos dados e informações positivos, e também antes dos modelos. A ciência positiva, baseada em dados, não é causa, porém, em vez disso, consequência de um final da teoria, no sentido autêntico, que se aproxima (HAN, 2013, p. 20, tradução nossa).

Para se produzir verdade é necessária a negatividade; as teorias produzem verdades porque selecionam e mobilizam dados e informações, conferindo sentido aos seus movimentos no pensamento social. Hiperinformação e hipercomunicação são evidências de falta de saber, falta de verdade e, inclusive, falta de ser (ibid., p. 23). Sem conexões e direcionamento, em meio à inflação de clareza e de informação e, ao mesmo tempo, num vácuo de coerência, o pensamento se confunde e se cansa.

No âmbito político, a ânsia por transparência ofusca quaisquer segredos que possam fazer parte de estratégias de negociação, conduzindo a um crescente esvaziamento ideológico. A política da transparência se reduz à administração de necessidades sociais, formada de opiniões pretensamente isentas de ideologia, sem condições de estabelecer novas coordenadas para as condutas da sociedade. Na

pretensão de total transparência, a política se encontra desfigurada e imobilizada. A transparência exacerbada age como mecanismo controlador e conservador que desarticula imprevistos e, como fim último, reforça o sistema econômico em pleno vigor (ibid., p. 21-23).

Um modo de vida contemplativo ajuda a admitir, conquistar e cultivar negatividade e opacidade em meio a dogmas de positividade e transparência; habituar o olhar ao descanso e à paciência é um passo para atingir algum equilíbrio entre essas forças polares. A contemplação abre espaço para indecisão, dúvidas sinceras e, então, para a formulação heurística de conjecturas. Hábitos como os de se desprender da operatividade onipresente, de procurar e produzir o inusitado e de hesitar diante das exigências que exploram violentamente o corpo são como estratégias para aproximarmos de nós mesmos e do outro. Reconhecer a existência do outro é admitir sua potência de mudança sobre meus roteiros de conduta. Dedicar-se ao outro é, em primeiro lugar, se dispor a aprender na experiência com o desconhecido, crescendo e remodelando-se através dele. Os percursos do ego para explorar e descobrir o não-ego mantêm-se eminentemente falíveis e aperfeiçoáveis, preservando alguma negatividade que, impenetrável, se renova criativamente.

### **Dogmatismo e excesso de positividade**

A positividade em excesso permeia os modos de fixação da crença na sociedade contemporânea; carência de negatividade relaciona-se, por exemplo, à sustentação de dogmas nos quais insistem os tenazes. A obsessão pela felicidade é um dogma que vigora no pensamento da sociedade da transparência. A positividade inflacionada reafirma convictamente sua crença na transparência, recusando a contemplação do diferente, transformando o estranho em exótico para homogeneizá-lo, quantificá-lo e torná-lo reproduzível, comercializável e consumível. Grupos com exagerada certeza de suas próprias crenças não se dispõem a lidar com o desconforto gerado pela dúvida. A busca por plena e convicta satisfação pretende um mundo homogeneamente feliz, confortável e transparente, mas resulta num acumulado de frustrações, recalques, além de cansaço e depressão. Sedenta por autoafirmação, a

personalidade narcisista foge de confrontos, na futilidade da auto referência, desvaloriza toda interação e perde os limites de si mesmo (HAN, 2013, p. 70-71). No restrito conjunto de experiências que constituem a semiose da vida dos narcisistas e tenazes,

o desgosto instintivo de um estado mental indeciso, exagerado num vago receio de dúvida, faz os homens agarrarem-se espasmodicamente às posições que eles já tomaram. O homem sente que, se ele apenas mantiver sua crença sem vacilar, isso já será inteiramente satisfatório. Tampouco se pode negar que uma fé firme e inabalável produz [aparentemente] grande paz de espírito. Na verdade, isso pode dar origem a inconveniências, como se um homem devesse continuar a acreditar resolutamente que o fogo não o queimaria [...] (PEIRCE, 2008 [1877], p. 47-48).

A sociedade positiva sustenta somente sistemas de ideias e de comportamentos que fazem expandir e intensificar sua influência. Há um acordo tácito quase-comum – uma crença proeminentemente aceita *a priori* – vigorante na sociedade positiva: convém ao bom funcionamento sistema que cada integrante afirme e mobilize as próprias qualidades para competitivamente maximizar sua operacionalidade. Hiperdesenvolvidas na sociedade positiva, estratégias de marketing pessoal e autoajuda soam agradáveis e convenientes ao ego porque produzem efeitos momentâneos de satisfação do indivíduo para consigo mesmo. Em geral, modelos de conselhos motivacionais não oferecem grande resistência à compreensão, são máximas que não exigem contemplação, minúcia ou crítica demorada para serem internalizadas e incorporadas eficientemente à conduta. Apesar de agradáveis à razão, esses modelos estão mais embasados nos desejos, opiniões e modas dos humanos que nos fatos do mundo.

Há ainda um aspecto de coerção dissimulada na ação do excesso de positividade sobre as condutas sociais. Num contexto de transparência em demasia, não existe somente um tipo estático de vigilância e controle, mas também um modo em que cada indivíduo, por conta própria e numa ilusão de liberdade, procura uma posição central para ter suas atitudes vigiadas e controladas. Enquanto num panóptico tradicional um indivíduo escondido espia e os outros são vigiados, na sociedade da transparência cada um se expõe pornograficamente e se sente satisfeito ao ser espiado por todos (HAN, 2013, p. 25-33, 81-95). O ideal transparente de corpo é aquele

que pode ser espiado, explorado e controlado a partir de todas as direções. Como num vício, quanto mais se estimula o voyeurismo, mais se tende a alimentar o desejo em possuir e cultivar um corpo para ver e ser visto, consumir e ser consumido.

### **Negatividade e raciocínio científico**

A máxima pragmaticista de Peirce (CP5.212, 1903, tradução nossa), segundo a qual “os elementos de qualquer conceito entram no pensamento lógico pelas portas da percepção e saem pelas portas da ação deliberada; e tudo aquilo que não possa exibir seus passaportes em ambas as portas pode ser detido como não autorizado pela razão”, não corresponde ao funcionalismo e à operacionalidade em vigor na sociedade positiva, explicado por Han (2013, p. 11-14). Como força homogeneizante, a transparência tende a fazer que seres humanos, em suas condutas, sejam equiparados a máquinas, cujo funcionamento se pretende calculado, eficiente e operacional. O Pragmaticismo entende que os fundamentos do raciocínio lógico estão na percepção e que a experiência (por si só, permeada de alteridade) é essencial para o crescimento de uma mente científica. A operacionalidade vigente na sociedade positiva pouco se interessa pelo novo, produz comportamentos automatizados, dogmáticos e avessos à heterogeneidade e à cientificidade.

Apesar das diferenças estruturais e temáticas, Peirce, em “A fixação da crença”, e Han convergem no sentido de valorizar experiência e aprendizado com a alteridade para a composição de modos de investigação e de vida menos egocêntricos e dogmáticos. O raciocínio de uma mente científica acontece de modo dialógico, em uma parte do processo predomina negatividade e em outra positividade. Não há ciência sem contato entre alteridade e vontade. A negatividade predomina nos momentos de conflito, surpresa, heterogeneidade, instabilidade, impermanência, imprevisibilidade, dúvida sincera, angústia, mistério e ação criativa. O esforço da investigação conduz a estados confortáveis de estabilidade, crença legítima, esclarecimento satisfatório, nos quais predominam positividade. É importante que o estado de crença nunca seja tido como total ou pleno, que resista e apareça alguma insatisfação com a homogeneidade do hábito e também que sejam percebidas oportunidades para o desconhecido e para

as mudanças de hábito. O percurso trilhado pela mente através da história das experiências, por entre hipóteses, crenças e mudanças de crença, precisa tanto de positividade como de negatividade; habitar o mundo e conhecer aspectos de si mesmo exige disposição e esforço para reconhecer e contemplar o cosmos que independe da vontade do ego; viver cientificamente requer ânimo para dialogar, aprender, mudar e crescer com o outro.

## Referências

HAN, Byung-Chul. *La sociedad de la transparencia*. Barcelona: Herder, 2013.

\_\_\_\_\_. *En el enjambre*. Barcelona: Herder, 2014.

\_\_\_\_\_. Byung-Chul Han: «Hoy no se tortura, sino que se "postea" y se "tuitea"», Berlin: 2015. *ABC*, Madrid, 02 fev. 2015. Entrevista concedida a Alfonso Armada. Disponível em: <goo.gl/iaYhiy>. Acesso em: 07 dez. 2015.

COLAPIETRO, Vincent. Habit, competence, and purpose: how to make the grades of clarity clearer. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 45, n. 3, 2009, p. 348-377.

PEIRCE, Charles Sanders. *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. HARTSHORNE, C., WEISS, P. e BURKS, A. (Orgs.). Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1931-35 e 1958; 8 vols. [Obra citada como CP seguido pelo número do volume e número do parágrafo].

\_\_\_\_\_. A fixação das crenças. In: *Ilustrações da lógica da ciência*. Tradução de Renato Rodrigues Kinouchi. Aparecida: Ideias e letras, 2008 [1877], p. 35-58.